

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM COMUNIDADES E ESCOLA DO VALE DO JEQUITINHONHA: FORMANDO LEITORES, TECENDO SABERES

Veridiana Franca Vieira
UFMG
veridianaamor@gmail.com

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Zélia Versiani Machado UFMG
zelia.versiani@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco práticas de contação de histórias como forma de linguagem artística, política e pedagógica, assim como prática produtora, afirmadora de saberes, conhecimentos, e fortalecedora da relação entre Escola e Comunidade. O objetivo é fazer um levantamento das práticas de contação de histórias que circulam nas aulas de duas turmas multisseriadas do segundo, terceiro, quarto e quinto ano do Ensino Fundamental para analisar como essas práticas se articulam à realidade vivida pelos alunos. A pesquisa está em desenvolvimento com professoras e alunos(as) de uma Escola Municipal, situada em uma Comunidade Rural, Município de Araçuaí – MG, no Vale do Jequitinhonha. Comunidade onde tradicionalmente se vivenciam práticas de contação de histórias.

Palavras-chave: Educação do campo; Contação de histórias; Letramento literário; Ensino remoto.

Essa pesquisa, em desenvolvimento, direciona o olhar para as práticas de oralidade, com foco para a contação de histórias, que podem ser relevantes como formas de compreensão e expressão da realidade, já que o contador de histórias e quem as ouve criam, reelaboram as narrativas a partir de sua imaginação e realidade social. Busca-se fazer um levantamento das práticas de contação de histórias que circulam em aulas no primeiro segmento do ensino fundamental. Originalmente, o público alvo da pesquisa seria alunos da Educação Infantil e duas comunidades atendidas pela escola. Porém, devido aos riscos de contaminação pela Covid-19 vimos a necessidade de efetuar mudanças no desenho da pesquisa, a começar pela forma de fazer as entrevistas planejadas e pela escolha dos alunos a serem entrevistados. A princípio, as entrevistas seriam realizadas presencialmente. Em razão das restrições impostas pela pandemia tivemos que suspender as entrevistas presenciais e adotar o vídeo através de aplicativos como o WhatsApp, Meet ou chamadas telefônicas. Quanto aos alunos, achamos melhor trabalhar com 2 turmas multisseriadas do segundo, terceiro, quarto e quinto ano do Ensino Fundamental em vez dos alunos da Educação infantil. Tendo como hipótese a existência de uma circularidade entre histórias ouvidas/contadas na comunidade e na escola, a

pesquisa entrevistará também contadores de histórias para o cruzamento de dados sobre os repertórios sociais e escolares dos entrevistados, professoras, alunos e contadores de histórias. Para conduzir o trabalho, elaboramos e estamos aplicando as seguintes questões que delineiam o caminho da pesquisa de campo: De que forma o processo de contação de histórias pode contribuir para a formação de novos leitores e de novos contadores de história? Em uma sociedade contemporânea marcada pela cultura escrita, quais os significados de se contar histórias nesse contexto pesquisado? Qual a contribuição da contação de histórias para as crianças entrevistadas nas comunidades e para as práticas educativas da escola? Como esse evento acontece nas comunidades? Como ele acontece na escola? Existem relações entre a cultura da comunidade e a cultura escolar? Em decorrência da pandemia e da nova realidade vivenciada especialmente pela comunidade escolar, foi acrescentada mais uma questão para refletirmos com os professores. Durante a pandemia, com o ensino remoto, a prática da contação de histórias está sendo mantida? A revisão da literatura nos indicou que a “contação de histórias” se faz presente nas mais diversas áreas do conhecimento, e cada área a utiliza de acordo com suas particularidades e necessidades. Para a área da linguagem, contar/ouvir histórias é uma forma de se deslocar para o passado, o presente e o futuro, pela voz da memória individual e coletiva, que possibilita ler e interpretar a realidade que nos cerca e nos constituirmos como sujeitos de cultura pelas narrativas.

Entretanto, a contação de histórias nas pequenas comunidades é também um costume em risco por mudanças políticas, econômicas e culturais em curso na sociedade global (IANNI, 2001), pois não se pode negar o impacto das mídias sociais e do acesso às novas tecnologias sobre essas práticas da oralidade nas sociedades contemporâneas. Segundo Lajolo e Zilberman (2017) não existem mais fronteiras entre o digital e o impresso que se complementam neste mundo onde leitor e autor experimentam novas formas de leituras e elaboração de conteúdo. Mas o que podemos dizer, nessa confluência de múltiplas formas de linguagem na atualidade, do lugar das práticas orais, entre as quais a contação de histórias?

A nova realidade que estamos vivendo mostrou na prática como isso funciona, a pesquisa que seria presencial passou a ser desenvolvida de forma remota, obedecendo as regras de distanciamento social. Primeiramente o objetivo seria conhecer a escola, para compreender melhor o contexto sócio-histórico e cultural em que está inserida.

Esse primeiro contato foi possível de ser realizado antes do início da pandemia da Covid-19, no entanto, o segundo momento que seria dedicado à observação de como as narrativas orais se fazem presentes nas práticas pedagógicas teve que sofrer modificações.

Com a devida autorização dos pais dos alunos, seriam gravados em vídeo algumas atividades de contação de histórias, com ou sem a mediação de livros. Além das observações das práticas de contação de histórias, seriam realizadas presencialmente entrevistas, conversas informais e registros de depoimentos de alunos e professores. Porém, em razão da crise sanitária, o formato das entrevistas foi alterado como dissemos anteriormente.

A segunda etapa, caracterizada por entrevistas aos alunos, a seus familiares e a contadores de histórias na sua comunidade tem o objetivo de: (a) mapear quais as atividades culturais presentes na comunidade; (b) verificar a ocorrência da tradição de contação de histórias, bem como quem as conta, quem as ouve e como são contadas; (c) levantar quais os temas mais recorrentes na contação de histórias; d) verificar se há influência desta tradição e forma de leitura na sociabilidade das comunidades, na organização social, na formação cultural e política dos moradores da comunidade. As entrevistas foram previamente planejadas, semiestruturadas e estão sendo realizadas através de chamadas de vídeo, com o uso de gravador, câmera fotográfica e telefone celular.

Até o presente momento concluímos as entrevistas com os professores das turmas multisseriadas citadas acima e iniciamos as entrevistas com os alunos e familiares. Tivemos, assim, a oportunidade de entrevistar, em dois momentos cada, duas professoras dos 2º, 3º, 4º e 5º ano. Embora as duas lecionem na mesma escola, constatamos que possuem condições e vivem em realidades muito diferentes, no que diz respeito ao acesso à tecnologia. As diferenças ficaram mais nítidas neste período de pandemia. Ambas relataram dificuldades para seguir dando apoio aos alunos no momento em que as aulas presenciais estão suspensas. Segundo elas, o fato de a Escola estar localizada em uma área rural não é problema, isso porque, na Comunidade em que a Escola está localizada, a maioria dos moradores possui internet em casa, e os alunos conseguem contato pelo celular. Mas, nem todas as comunidades atendidas pela Escola possuem sinal de internet ou de telefone. O local onde uma das professoras mora possui apenas sinal de telefone. Mesmo assim atende aos alunos. Ela vai até um morro longe de sua casa para conseguir o sinal da internet, método também utilizado por alguns alunos. Já a outra professora mora na área urbana. Neste caso, o problema é que alguns alunos não têm acesso àqueles recursos. Mesmo assim ela grava áudios, vídeos e até desenvolveu uma atividade de reconto de histórias com alunos. Para as duas professoras a contação de histórias é prática imprescindível, que possibilita ao aluno ter contato com outros costumes, culturas, possibilidades de ver, entender o mundo, além de facilitar a alfabetização de crianças com grau maior de dificuldade. Segundo elas, mesmo com o ensino remoto, a

contação de histórias continua a acontecer em suas aulas. A profa. Júlia¹, uma das duas entrevistadas, afirma que “*contar histórias sem a presença física dos alunos é muito diferente, mas a gente tenta*”.

Considerando o que vimos expondo até aqui, optamos por adotar uma abordagem qualitativa que nos possibilita compreender elementos subjetivos, que só a partir de uma investigação dessa natureza é possível identificar. Em face das entrevistas online tivemos que trabalhar com a etnografia virtual/netnografia a exemplo de (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020). A continuidade da pesquisa estabelece interfaces teóricas com diferentes campos de conhecimento. Para discutir a oralidade no contexto dos letramentos – Soares (2003; 2010), Kleiman (1995; 2009; 2010), Marcuschi (2001, 2002). Além disso, há um aporte metodológico, sobretudo em noções desenvolvidas pelos Novos Estudos do Letramento – Street (2012; 2014), Heath (1992) – importantes para a pesquisa tais como as de práticas e eventos de letramento. Questões referentes ao letramento literário contarão com os estudos de Paulino (1999; 2001; 2005; 2006; 2010; 2012), Cosson (2006; 2014). Bakhtin (2003; 2006) dará suporte à concepção da linguagem como um processo de interação social. Os estudos de Patrine (2005), Benjamin (2008b), entre outros, serão importantes para fundamentar a prática da contação de histórias; e Machado (2004), Matos (2005) e Busatto (2006 e 2012), pelo que escrevem sobre a importância do ato de contar/narrar. No que diz respeito à Educação do Campo, a pesquisa estabelece diálogos com Antunes – Rocha (2012), Arroyo (1999), Caldarte (2010) e Molina (2006). Recentemente incluímos Hine (1998; 2005) e Recuero (2009) para nos dar suporte no que se refere à Netnografia ou etnografia virtual.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. (org.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FINNEGAN, Ruth. **O Significado da Literatura em Culturas Oraís**. In: A Tradição Oral. 2ª Ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2016. p. 61-96.

¹ Nome fictício para proteger a identidade da professora

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: SAGE Publications, 1998.

_____. **Virtual methods: issues in social research on the internet**. New York: Berg Publishers, 2005.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KLEIMAN, Ângela B. **Projetos de letramento na educação infantil**. Caminhos em Linguística Aplicada. Unitau, v.1, n.1, p. 1-10, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUC Press, FTD, 2017, 152 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002 Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização. 1ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 38, p. 118-128, abr. 2009.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria. B de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Revista Anos 90**. Rio Grande do Sul, n. 27, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266/58383>. Acesso em: 15 set 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

STREET, Brian. **Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento**. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas, SP: Mercado das letras, 2012. p. 69-92.

ZILBERMAN, Regina ; COSSON, R. ; PAULINO, Graça ; LAJOLO, Marisa ; RÖSING, Tania . **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: Regina Zilberman; Tania Rösing. (Org.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. 1ed.São Paulo: Global, 2009, v. 1, p. 61-79.